

## O movimento da pesquisa autobiográfica no Distrito Federal: contribuições de dois pesquisadores de Institutos Federais de Brasília

### Comunicação

#### GTE 04 - Educação Musical e Pesquisa (Auto)Biográfica

*Emmily Garcia Dias*  
Universidade de Brasília – UnB  
[emmygdias@gmail.com](mailto:emmygdias@gmail.com)

*Delmary Vasconcelos de Abreu*  
Universidade de Brasília – UnB  
[delmaryabreu@unb.br](mailto:delmaryabreu@unb.br)

**Resumo:** O presente artigo apresenta resultados de uma pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC), que acompanha o movimento (auto)biográfico no Distrito Federal. A pesquisa dialoga com o projeto principal, vinculado ao CNPq, “O movimento da pesquisa (auto)biográfica em educação musical no Brasil: contribuições das pesquisas em rede para os processos de formação em música”. O objetivo no PIBIC é acompanhar localmente este movimento (auto)biográfico com a pesquisa “O movimento da pesquisa autobiográfica no Distrito Federal: contribuições de dois professores pesquisadores de Institutos Federais de Brasília”. Assim, busca-se compreender as nuances desse movimento, explorando o conceito de musicobiografização que vem se consolidando na prática de sala de aula e contextos de formação em música. Acompanhar estes profissionais em seus contextos, com observações, rodas de conversas e estudo de sua produção bibliográfica e das práticas musicais automediais em minicursos, revelou que o movimento da pesquisa (auto)biográfica na região centro oeste, especificamente, no Distrito Federal está se consolidando tanto na prática quanto na teoria, na produção de conceitos construídos por pesquisadores (auto)biográficos no campo da educação musical.

**Palavras-chave:** Movimento autobiográfico em educação musical, Professores de Música, Distrito Federal.

## Introdução

A justificativa central do projeto “O movimento da pesquisa (auto)biográfica em educação musical no Brasil: contribuições das pesquisas em rede para os processos de formação em música” (Abreu, 2022), reside na valorização do movimento da pesquisa (auto)biográfica em educação musical e no reconhecimento de sua relevância para o fortalecimento dos processos formativos. Essas investigações são impulsionadas por ações de estudo que promovem redes colaborativas entre pesquisadores de diferentes instituições e regiões do Brasil, contribuindo para ampliar o escopo do movimento e trazer inovações significativas para o campo da educação musical.

Nesse cenário, os saberes singulares de educadores musicais ganham visibilidade, sendo mobilizados em espaços coletivos de produção de conhecimento, como grupos de estudo e projetos de extensão. Ao articular narrativas de vida com a prática educativo-musical, o projeto fortalece uma epistemologia que reconhece as experiências pessoais como fonte de formação e de inovação pedagógica.

A pesquisadora responsável pelo projeto atua em duas vertentes: a primeira voltada aos processos de formação em música, com foco em fontes, questões e dispositivos formativos; e a segunda dedicada à construção de histórias de vida de destacados educadores musicais brasileiros, especialmente por meio de Seminários Investigativos e Fóruns de Pesquisa em Educação Musical.

No contexto do Programa de Iniciação Científica (PIBIC), promovido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), tive a oportunidade de ingressar como bolsista em uma linha de pesquisa que dialoga diretamente com a proposta supracitada, sendo orientada por essa pesquisadora na temática (auto)biográfica em música. A partir dessa inserção, fui introduzida a conceitos e abordagens fundamentais no campo, aprofundando minha compreensão teórica e metodológica.

Minha pesquisa, intitulada “O movimento da pesquisa autobiográfica no Distrito Federal: contribuições de dois pesquisadores de Institutos Federais de Brasília”, busca

compreender as nuances desse movimento, explorando desde seus fundamentos teóricos até sua aplicação prática. Assim, tomo como referência os trabalhos dos professores de música Hugo Leonardo Guimarães Souza (IFB – Campus Ceilândia) e Gustavo Aguiar Malafaia de Araujo (IFB – Campus Samambaia), ambos discentes do curso de doutorado em música do programa de pós-graduação em música da Universidade de Brasília (PPGMUS-UnB) cujas trajetórias e contribuições se destacam no cenário da educação musical regional e configuram-se como objeto central da investigação.

A pesquisa autobiográfica é uma abordagem que utiliza narrativas de vida para compreender os processos de formação dos sujeitos. O termo surge no campo das ciências sociais, com o sociólogo Franco Ferrarotti, ganhando força no campo da Educação a partir dos anos 1980 com o estudo das histórias de vida em processos formativos (Passeggi e Souza, 2017).

Na Educação Musical, essa perspectiva passou a ser explorada mais intensamente a partir dos anos 2000, destacando a importância das experiências pessoais e formativas de músicos e educadores, e consolidando-se com a criação de redes e grupos de pesquisa voltados a essa abordagem no Brasil.

É possível visualizar como a criação dessa rede consolida uma base importante para a expansão movimento (auto) biográfico no Brasil e como isso se apoia no projeto de (2022) ao pensar nas contribuições dessas pesquisas para os processos de formação em música:

O Movimento (Auto)biográfico da Educação Musical no Brasil, assim, consolidou-se em 2021, quando pesquisadoras de diferentes regiões e instituições do país iniciaram o diálogo conjunto sobre perspectivas (auto)biográficas e suas interfaces com a Educação Musical. Com isso, passaram a desenvolver ações de estudo, pesquisa, debate e divulgação sobre a temática. Entre elas, destacam-se: a) a realização de encontros de estudos sobre abordagens (auto)biográficas com temáticas específicas acordadas entre grupos de pesquisas; b) a socialização de estudos sistemáticos e pesquisas sobre as temáticas acolhidas por cada grupo de pesquisa; c) a discussão de estudos realizados por pesquisadores/as (auto)biográficos/as do campo da Música; e d) a divulgação do Movimento (Auto) biográfico da Educação Musical no Brasil (Almeida, 2023, p. 3).

No contexto de grupos de pesquisa e suas socializações, dois grupos se destacam na região Centro-Oeste e possuem influência para entender como esse movimento se apresenta no Distrito Federal, sendo um deles o Grupo de Estudos e Pesquisas (Auto)Biográficos em

Educação Musical (GEPaEM) coordenado por Jéssica de Almeida e o outro denominado Grupo de Pesquisa Educação Musical e Autobiografia – GEMAB, liderado por Delmary Vasconcelos de Abreu, sendo este último grupo um contexto de relevância para a pesquisa vinculada ao PIBIC que será apresentada aqui e que traz o recorte da contribuição e investigação dos pesquisadores Hugo Souza e Gustavo Araújo, ambos professores de Institutos Federais de Brasília.

## Metodologia

A perspectiva (auto)biográfica se ancora nos fundamentos de Ferrarotti (2010), que entende a narrativa como meio para compreender a sociedade a partir da singularidade do indivíduo. Nesse sentido, as narrativas de vida (materiais primários) são centrais para a construção de sentido, enquanto documentos secundários complementam a análise, como é o caso dos artigos publicados pelos autores envolvidos nesta pesquisa. A abordagem valoriza o ponto de vista do sujeito e seus significados atribuídos às experiências vividas.

Com apoio de autores como Passeggi (2021), enfatiza-se um olhar ascendente da pesquisa, que parte do indivíduo para alcançar compreensões mais amplas sobre a realidade social. Essa metodologia é também compreendida como uma pesquisa-formação, pois envolve processos formativos baseados em dispositivos como seminários de investigação-formação (Josso, 2004), ateliês biográficos (Delory-Momberger, 2006) e documentação narrativa (Suárez, 2015).

Na Educação Musical, essa abordagem se reinventa ao integrar subjetividades e experiências expressas por meio da música, evidenciando a potência formativa dos dispositivos narrativos que articulam vida e arte. No caso, desta pesquisa, a abordagem consistiu em rodas de conversa com os dois professores investigados. Essas conversas foram registradas nos encontros individuais nos seus contextos educacionais e nos encontros coletivos do GEMAB.

As Rodas de Conversa, por terem uma característica de partilha de experiências são, de acordo com Warschauer (2001, p. 179), é um instrumento que permite a partilha de experiências e o desenvolvimento de reflexões sobre as práticas educativas dos sujeitos, em

um processo mediado pela interação com os pares, por meio de diálogos internos e no silêncio observador e reflexivo. Para a autora existe uma construção de sentidos originada das falas dos interlocutores que é a própria partilha, ou seja, a construção de significados. Ela defende que é na qualidade das trocas, no processo partilhado, que propicia o desenvolvimento criativo individual e grupal. Além disso, é o espaço em que seus participantes, tramam sua história com a pesquisa e a prática pedagógica através das partilhas de experiências. Considero essa roda formação para eles na troca de experiências e reflexões, e para mim como licencianda em música com perspectiva de vir a ser uma professora de música atuando em contextos formais como dos docentes aqui investigados.

### **Expandindo o movimento autobiográfico no Distrito Federal**

O GEMAB tem um papel fundamental na difusão desse movimento, promovendo variadas perspectivas e experimentações dentro da pesquisa em música. Como parte dessas iniciativas, os professores Hugo Souza e Gustavo Araujo desenvolveram a proposta de compreender o conceito de "musicobiografização" na prática. Para isso, idealizaram um minicurso voltado à formação de licenciandos e professores de música, explorando a musicobiografização como caminho para a pesquisa e para práticas musicais automediais em educação musical. Essa perspectiva e conceito já haviam sido explorados anteriormente conforme trazido por Abreu (2017) quando trouxe à tona o conceito de musicobiografização e o definiu como um "sentido para a relação da(s) pessoa(s) com a(s) música(s)" (Abreu, 2017, p. 214), que tem como objetivo:

Compreender os modos como os indivíduos desenvolvem, nas histórias de vida em formação com a música, a capacidade de tomada de consciência de si como alguém que se apropria, e sabe observar o que apropria e como apropria e decide sobre o que fazer com aquilo que apropriou (Abreu 2017, p. 214-215).

Nesse artigo, abordo como esse conceito foi expandido e desenvolvido pelos doutorandos e membros do GEMAB dentro dos Institutos Federais de Brasília e minicursos, trazendo um novo olhar sob esse mesmo conceito para agregar a pesquisa autobiográfica no campo da educação musical.

Dentro do trabalho desenvolvido pelos pesquisadores que estão em foco nessa investigação, a partir de entrevistas, debates feitos dentro do GEMAB e da participação em minicursos elaborados dentro da temática da musicobiografização, é possível se aprofundar em alguns conceitos importantes sob a ótica deles e que reflete diretamente como eles trabalham essa abordagem da pesquisa (auto)biográfica no campo da Educação Musical.

Em um dos encontros cujo objetivo era simular o minicurso que viria a ser ministrado no XVII encontro regional da ABEM intitulado “Práticas musicais automediais como processos de musicobiografização” apresentado pelos doutorandos e pela professora Delmary, foi possível acompanhar o processo de como os pesquisadores iriam explicar e explorar as definições que estão presentes no título da oficina. Assim, fez-se necessário esclarecer o que seriam essas práticas musicais automediais e o como eles estão atreladas ao conceito de musicobiografização.

Com base teórica de Delory-Momberger e Bourguignon (2023), entende-se, em primeiro lugar, a singularidade que pode ser encontrada na nossa subjetividade, processo que é atingido através de uma construção. Esse processo envolve a musicobiografização de maneira que o sujeito narra a própria vida com a música, em que na prática automedial o sujeito se aproxima do que faz sentido para ele narrar, utilizando a música como *medium*. Vale ressaltar que a busca por compreender e acessar essa narrativa, de acordo com os doutorandos, não visa um produto, mas sim a construção para entender além dele.

### **Configurando a musicobiografização na prática da sala de aula**

Neste tópico trago os achados da pesquisa mostrando como este movimento autobiográfico tem se expandido no Distrito Federal. Aqui apresento o que esses dois professores de música de Institutos Federais de Brasília vêm dando forma ao conceito de musicobiografização na prática em sala de aula. Tentarei fazer o diálogo com seus escritos, com nossas conversas e com aquilo que pude observar em visita aos seus contextos de trabalho. Os autores iniciam o último artigo publicado da seguinte maneira:

**Este trabalho apresenta reflexões a partir de práticas musicais automediais desenvolvidas em sala de aula com turmas de Ensino Médio no Instituto Federal de Brasília (IFB), no grupo de GEMAB e em cursos de curta duração que têm como finalidade oferecer formação em música e gerar material de**

pesquisa para o campo da Educação Musical (Abreu, Souza e Araujo, 2025, p. 02, grifos meu).

Acerca das práticas musicais automediais desenvolvidas em sala de aula com turmas de Ensino Médio nos Institutos Federais pude observá-las mais de perto em novembro do ano de 2024. Nas turmas do professor Gustavo, referente ao IFB, campus Samambaia, foram observadas três turmas de terceiro ano, em que o foco dos conteúdos musicais estava centrado na composição e no campo harmônico. Todavia, a maneira como o professor ministrou a aula evidencia que a preocupação está centrada nos aspectos musicais em constante relação com a intencionalidade do docente, no olhar pedagógico, investigativo e musicobiográfico. O professor Gustavo instiga os alunos a se questionarem com a teleologia do para que, por quê, como e o que os levaram a chegar àquelas respostas surgidas em decorrência do processo formativo em música.

Na primeira aula, o professor convidou os alunos a deitarem no chão e relaxarem enquanto escutavam os sons de um curta-metragem sem vê-lo. Em seguida, houve uma roda de conversa com os estudantes para relatarem o que ouviram em várias camadas, como padrões musicais, as imagens que vieram, as cores, os possíveis personagens.

Essa parte da atividade é o primeiro passo para a proposta da aula: imaginação e enfim prepará-los para composição, mas explorando o fato de que cada um conseguiu obter modo uma percepção única e criar imagens diferentes a partir de um mesmo estímulo sonoro. Assim, a atividade principal seria a partir dos padrões reconhecidos no curta, os alunos criarem personagens e identificar esses padrões em melódicos e harmônicos para criar uma situação narrativa para cada um.

Como esse se trata de um processo criativo, embora não tenha conseguido acompanhar o resultado dos alunos, o início dessa criação já foi o suficiente para entender um estágio muito importante para o escopo da musicobiografização. Dessa maneira, é nessa etapa que os alunos começam se externalizar suas subjetividades a partir da prática musical automedial. Essa dimensão da escuta, desenvolvida na prática de sala de aula. Eles compreendem que,

Ouvir significa escutar o outro e permitir que ele escute a si mesmo, que seja o mestre de suas palavras e silêncios e os respeite. Isso significa aceitar doar seu tempo, ousar realmente encontrar o outro e, ao fazê-lo, encontrar a si mesmo [...] O encontro é uma experiência do outro consigo e de si mesmo

com o outro. As pessoas vivenciam umas às outras nesse *entremeio*, em que buscam o que existe *em comum* entre elas [...] É nesse poder criador do *entremeio* que acontecem a escuta e o entrelaçamento da alteridade (Abreu, Souza e Araujo, 2025, p.18).

Nas rodas de conversa com ambos os professores ficou claro que, “a contribuição principal é que os adolescentes compreendam a vida permeada pela música”. Eles me explicam que, “você está aberto a ir tão fundo na música a ponto de ela revelar a potencia "o ser da Emmily, por exemplo. E, para ter contato com esse ser, precisa ir fundo nesse movimento, na dinâmica de explorar e esgotar aquilo que temos para oferecer e seguir adiante” (Roda de Conversa, 2025)

Seguindo nessa reflexão com eles, compreendi pelas narrativas que ir pelo caminho da música é saber que “ela me dá o poder e a satisfação de questionar a mim mesmo, por exemplo, a dificuldade técnica em certas partes, revelam muito sobre nós, e a maior parte foge disso”. Logo, eles refletem que,

estamos caminhando com a musicobiografização para esse lugar que trata a música como uma potência que tem tanto a revelar sobre o mundo, sobre a vida e sobre o sujeito que ela não pode ser só um instrumento ou só uma ferramenta para chegar em outro lugar ou desenvolver determinada habilidade, mas sim para chegar mais perto daquilo que é humano e real (Roda de Conversa, 2025).

Ainda na roda de conversa com os dois professores entendemos melhor essa prática musical automedial quando eles argumentam que “os adolescentes querem escapar e sair daquilo o mais rápido possível porque estão condicionados a terem uma experiência descartável com a música”. Para aclarar essa narrativa, um dos professores traz o exemplo de quando levou uma das obras do PAS descrita como Súplica Cearense. Ele diz:

Ouviram a música, ouviram os instrumentos, viu a letra e o clipe. Para eles já estava bom porque a experiência musical deles é de consumo. Mas aí, como professores vamos além, fazendo com que a obra dialogue com eles, com a vida deles, e não tentar extrair da obra aquilo que é o obvio. Essa potência é inerente a música, mas só acontece se você se abrir para a música e, para isso, tem de estar disposto a escuta, ao encontro e ao cuidado com aquilo que se chama *medium*. Não basta manipular o *medium* para obter algum tipo de resultado performático ou de controle. Isso porque, na modernidade nos aproximamos das coisas para ter controle, mas quando percebemos que o *medium* música tem muito a nos transformar também, a gente aprende mais. Então acho que essa é a proposta da musicobiografização. Tentar promover

esse caminho de exposição ao *medium* de uma maneira não controlada, de uma maneira aberta, reflexiva e consciente, humilde, disposta (Roda de Conversa, 2025).

Em suas publicações vemos uma sobreposição de reflexões que vão se ampliando com suas práticas, retroalimentando o conceito de musicobiografização que eles vêm trabalhando em sala de aula. Na publicação de 2025, os autores Abreu, Souza e Araujo (2025, p. 20) refletem com base no que publicaram no ano anterior:

As dimensões da musicobiografização sustentam o caráter educativo das práticas musicais automediais, uma vez que “na partilha automedial, a música toma forma ou materialização do que se sente, parece ser um significado atribuído para a música pelo coletivo” (Abreu; Souza; Araujo, 2024, p. 3).

No ano seguinte eles refletem de forma mais aprofundada sobre essas dimensões dizendo que “o cuidado com a música e com os outros torna possível a compreensão de si e do outro em que a música atua como *medium*. Cuidado diz respeito a um modo prático de ação, uma vez que engloba envolvimento e compromisso com o outro e com a música do outro” (Abreu, Souza e Araujo, 2025, p. 21). Eles seguem compreendendo que,

Sendo a música um empreendimento fundamentalmente social e intersubjetivo, o campo musical exige reciprocidade, abertura e atributos como a cooperação, o respeito e a justiça. Assim, a música requer uma atitude de cuidado, preocupação e empenho em relação a um bem fora do eu e dos seus interesses; fora do domínio do material e do técnico, o que é notadamente significativo diante de uma sociedade que se torna cada vez mais individualista, egocêntrica e materialista (Abreu, Souza e Araujo, 2025, p. 21).

Ao debruçar sobre o impacto de suas formações e atuações com este conceito construído por Abreu (2017) e adensado junto com eles (Abreu, Souza e Araujo, 2024, 2025) entendemos que este movimento autobiográfico no Distrito Federal se configura na prática profissional, pois, segundo os professores, pesquisadores e autores,

Ao buscar compreender como a prática musical automedial alimenta o conceito de musicobiografização, debruçamo-nos sobre o efeito dessas “práticas automediais vividas em minicursos formativos”. E seguem refletindo:

Os resultados esperados, com o minicurso, consistiram em levar os participantes a terem maior clareza do conceito teórico-prático da

musicobiografização, possibilitando assim, integrarem às suas práticas profissionais formativas, a criação de narrativas musicais. Essa compreensão prática do conceito oferece possibilidades de orientação e adoção de práticas automediais em sala de aula como modo de sustentar, na modelagem das experiências singulares, uma experiência musical coletiva e colaborativa. Nossas conjecturas mostraram como estamos construindo o conceito de musicobiografização na prática (Abreu, Souza e Araujo, 2025, p. 22).

Para os autores só foi possível perceber essas três dimensões da musicobiografização a partir da experimentação na prática musical automedial. Elas se sustentam com consistência, uma vez que a teoria alimenta a prática” (*ibidem*).

### Considerações finais

Como iniciante a pesquisa de PIBIC, sob a orientação de um projeto guarda-chuva, compreendi a força deste movimento no macro e nas micro ações de professores de música em seus contextos de atuação profissional. A região Centro Oeste se fortalece com duas pesquisadoras da área que desenvolvem suas pesquisas no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade de Brasília. O fato destes colaboradores da pesquisa de PIBIC serem egressos deste programa no curso de mestrado – Araújo (2017) e Souza (2018) e inseridos no curso de doutorado no ano de 2024, revela que neste interstício – aproximadamente sete anos, o movimento (auto)biográfico fertilizou teorias e práticas nos contextos educacionais do Distrito Federal, como pode ser verificado no artigo produzido pelo professor Hugo para o encontro regional da Abem, local em que também ministrou o minicurso de práticas musicais automediais (Souza, 2024).

Em uma roda de conversa, acima descrita em forma de narrativa, eles consideram que “estamos caminhando com a musicobiografização para esse lugar que trata a música como uma potência”. E isso, no projeto guarda-chuva de Abreu (2022), é o que potencializa a força deste movimento de pesquisa (auto)biográfica no campo da educação musical. Trata-se de um movimento que fortalece a própria área quanto as demais envolvidas com a pesquisa (auto)biográfica com foco na formação. Assim, concluímos que a musicobiografização ganhando forças dentro deste movimento como um conceito capaz de gerar proposições criativas para a formação de pessoas com a música.

## Referências

ABREU, Delmary Vasconcelos. Um ensaio a musicobiografização como uma vertente para a pesquisa (auto)biográfica em educação musical. *Revista da Abem*, Londrina, PR, n. 30, v. 30, 2022. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/1099>. Acesso em: 05 set. 2025.

ABREU, Delmary Vasconcelos de. História de vida e sua representatividade no campo da educação musical: um estudo com dois Educadores Musicais do Distrito Federal. *InterMeio: Revista da Pós-Graduação em Educação*, Campo Grande, v. 23, n. 45, 2017.

ABREU, Delmary Vasconcelos; SOUZA, Hugo Leonardo Guimarães; ARAUJO, Gustavo Aguiar Malafaia de. Três dimensões da musicobiografização: um estudo com relatos de experiências de práticas musicais automediais. *ORFEU*, v.10, n.2, maio de 2025, p. 1 de 26. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/27119/18854>, Acesso em 05, set. 2025.

ABREU, Delmary Vasconcelos; SOUZA, Hugo Leonardo Guimarães; ARAUJO, Gustavo Aguiar Malafaia de. Narrativas musicais como prática automedial para a sala de aula. **Revista Música na Educação Básica**, v. 13, n. 16, e131604, 2024. Disponível em: <https://revistameb.abem.mus.br/meb/article/view/290>. Acesso em: 05 set. 2025.

ALMEIDA, Jéssica; TEIXEIRA, Ziliane - movimento (auto)biográfico da educação musical no Brasil: avanços e perspectivas. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, v. 57, n. 57, p. 1-21, 2023. Disponível em <https://seer.fundarte.rs.gov.br>. Acesso em 08, jul, 2025.

ARAUJO, Gustavo Aguiar Malafaia. *Construindo sentidos na formação musical: pesquisa-formação-ação com estudantes da primeira turma de ensino médio integrado do IFB-CSAM*. 2017. 132 p. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós- Graduação em Música, Brasília, 2017.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.2, p. 359-371, maio/ago. 2006.

DELORY-MOMBERGER, Christine; BOURGUIGNON, Jean-Claude. Medialidades biográficas, práticas de si e do mundo. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, v. 8. n. 23, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/19443>. Acesso em: 11 jul 2025.

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: (Orgs)NÓVOA, Antônio. FINGER, Matthias. *O método (auto) biográfico e formação*. Natal. UFRN: EDUFRN, 2010.

JOSSO, Marie Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Reflexividade narrativa e poder (auto) transformador. *Práxis Educacional*, [s. l.], v. 17, p. 1-21, 2021.

PASSEGGI, C.D; SOUZA, C.E; O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional. *Revista Investigacion Cualitativa*, Bahia, p 6 -26, 2 (1) 2017. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/317673701\\_O\\_Movimento\\_AutoBiografico\\_no\\_Brasil\\_Esboco\\_de\\_suas\\_Configuracoes\\_no\\_Campo\\_Educacional](https://www.researchgate.net/publication/317673701_O_Movimento_AutoBiografico_no_Brasil_Esboco_de_suas_Configuracoes_no_Campo_Educacional). Acesso em: 17 jun 2024.

SOUZA, Hugo Leonardo G. *Experiências musicais formativas do sujeito com o lugar: construindo caminhos para o ensino de música no IFB-CCEI*. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Programa de Pós-Graduação Música em Contexto, Universidade de Brasília, 2018.

SOUZA, Hugo Leonardo G. O Estúdio Musicobiográfico como espaço de formação musical na educação básica. In: XVIII ENCONTRO REGIONAL CENTRO-OESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 6., 2024, Goiânia. *Anais...* Goiânia: ABEM, 2024.

SUAREZ, Daniel Hugo. *La documentación narrativa de experiencias pedagógicas: Una estrategia para la formación de docentes*. Buenos Aires, 2005. Documento Disponível em: <https://www.unrc.edu.ar/unrc/academica/pdf/libro-narrac1.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2025.

WARSCHAUER, Cecília. *Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.